

Megan Maxwell

**EU
AVISEI**



EU AVISEI

Megan
Maxwell
EU AVISEI

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

 essência

Copyright © Megan Maxwell, 2014
Copyright © Editorial Planeta, S. A., 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019
Todos os direitos reservados.
Título original: *Te lo dije*

Preparação: Barbara Parente
Revisão: Elisa Martins e Laura Folgueira
Diagramação: Futura
Capa: adaptada do projeto original de departamento de arte Editorial Planeta
Imagens de capa: Shutterstock
Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maxwell, Megan

Eu avisei / Megan Maxwell ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo: Planeta,
2019.

288 p.

ISBN: 978-85-422-1830-5

Título original: *Te lo dije*

1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

19-2242

CDD 863

2019
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4^o andar – Consolação
São Paulo – SP – 27031-987
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

1

— Padre Francisco, padre Francisco... — Margarita quase gritou com seu eterno sorriso. — A que horas podemos vir para decorar a catedral?

— Quando quiserem, senhora — disse o padre, sem se alterar.

— Mamãe, por favor! — resmungou Victoria depressa, mandando-a se calar.

— Margarita, querida — interveio Mônica, futura sogra da garota —, a empresa que está organizando o casamento vai cuidar de tudo.

— Quando minha filha Piluca se casou com o duque de Morealto na deslumbrante igreja dos Jerônimos — contou Cuca Costa de Linaza, muito amiga de Mônica —, fizeram um arranjo floral lindíssimo, com tulipas frescas trazidas especialmente da Holanda.

— Nossa! — exclamou Margarita, mãe de Victoria, que não sabia como lidar com aquela grã-fina. — Para que foram até a Holanda, se temos flores tão lindas aqui na Espanha? — E, antes que sua filha pudesse dizer qualquer coisa, murmurou: — Se um dia quiserem flores das boas, a cigana do meu bairro tem de tudo, sem precisar ir até a Holanda.

— Tenho certeza disso — disse Mônica, incomodada com a vulgaridade daquela mulher. — Mas repito: as flores do casamento serão lindas.

— Não duvido, amiga! — replicou Margarita, insistindo no assunto e ganhando um olhar de censura da filha. — Mas, como mãe da noiva, quero saber que flores são.

Na verdade, ela também não estava tão interessada, mas, se aquela metida achava que ia fazê-la se calar, estava muito enganada!

— Mamãe, já chega! — pediu Victoria, revirando os olhos.

Por que sua mãe não podia morder a língua? Estava expondo-a ao ridículo.

— Victoria, querida — alardeou sua sogra com petulância —, quero que você saiba que os responsáveis pela preparação do casamento são os mesmos que organizaram o da filha do ex-chefe de governo.

— Você é um amor, Mônica. Sempre tão atenciosa — respondeu ela, esperando que com essa resposta sua mãe se desse por vencida e pudessem encerrar o assunto das flores.

Mas não...

— Margarita — insistiu Mônica, cravando nela seus frios olhos claros, tão iguais aos de seu filho que pareciam provir da mesma pedra de Netuno —, eu sou uma mulher muito exigente, e para o casamento de meu filho quero o melhor, não importa o preço!

Ela olhou para as amigas, que assentiram, e prosseguiu:

— Quero que meus mil e cem convidados, gente ilustre, recordem o casamento de Carlos como um evento maravilhoso. Você não quer o mesmo para seus quinze convidados?

Nessas palavras havia mais veneno que nas glândulas urticantes de uma família de cobras do deserto.

— É claro, amiga! — replicou Margarita, sem se acovardar.

Mas ficou incrédula diante da pouca educação daquela idiota, e o que mais queria nesse momento era enfiar-lhe na bunda um dos candelabros do altar.

Contudo, olhando para a filha e percebendo que estava constrangida com sua presença, disfarçou com dignidade a sensação de inferioridade que aquelas imbecis a faziam sentir, e preferiu não dizer mais nada.

— Os organizadores sabem muito bem que esta é a catedral de La Almudena — acrescentou Mônica com maldade —, e não uma igreja de periferia.

Para Margarita, estava difícil demais ficar calada.

— Não me diga! Que discriminação!

Aquilo estava começando a se parecer demais com seu pior pesadelo, pensou Victoria, com as têmporas palpitando como um coração automático. Precisava de um minuto, só um minuto.

— Com licença um instante, preciso atender o celular — interrompeu-as, apertando os lábios e se dirigindo a uma portinha lateral.

— Eu também tenho que fazer uma ligação urgente — desculpou-se sua amiga Beth com um sorriso estudado, e saiu atrás dela.

Quando a alcançou, encontrou-a hiperventilando.

— Isto é um pesadelo! — A noiva arfou, abrindo sua bolsa Gucci. Precisava de um cigarro. — Qual é o jogo de minha mãe? Santo Deus, por que não se cala?!

— Calma, ela só está dando sua opinião — sussurrou a amiga.

— Minha mãe está aqui por culpa de Susana, a imbecil da minha secretária — bufou Victoria, irada. — Quando voltar, vou mandá-la para o olho da rua. O olho da rua!

— Respire e ouça-me — disse Beth, que só de pensar em ter uma mãe tão

vulgar quanto Margarita empalideceu de horror. — Amanhã é seu grande dia. O dia que estamos planejando há um ano! Pense em como vai ficar *cool* e linda com os dois vestidos maravilhosos que Manuel Pertegaz criou para você.

Mas o rosto de Victoria refletia seu atordoamento.

— Amanhã tudo vai dar errado. Eu sei! Eu intuo.

— Não diga bobagens. Você vai estar tão fantástica que ninguém vai notar certas pessoas. E quando Charly a vir, não vai conseguir afastar os olhos do bichinho de pelúcia preferido dele.

Bichinho de pelúcia, pelucinha, era assim que Charly a chamava na intimidade. Poucas pessoas sabiam, e Beth era uma delas.

A primeira vez que Victoria e Charly se encontraram fora em uma famosa loja de bonecas situada na Gran Vía madrilenha. Beth e ela estavam comprando um bichinho de pelúcia enorme para Luana, uma amiga. Para Charly, fora amor à primeira vista, e ele a perseguira dia e noite, até que conseguira marcar de sair com ela.

— Espero que você tenha razão — assentiu Victoria, aceitando o abraço da amiga. — Obrigada, Beth. Você é maravilhosa. Sempre sabe do que eu preciso.

E era verdade. Ao contrário do resto do mundo, Beth a entendia. Elas haviam se conhecido em um jantar da empresa, sete anos antes e, desde então, eram amigas íntimas.

Naquela época, Victoria estava muito sozinha. Beth era dez anos mais velha que ela, além de irmã do diretor da empresa onde trabalhava – coisa que, de certa forma, resolvera a vida dela; para que negar? Essa mulher poderosa passara a ser sua protetora, e a moldara a sua imagem e semelhança; mostrara-lhe um mundo mais seletivo e luxuoso, que ela jamais esperara conhecer. Com o tempo, quando os sócios da empresa lhe ofereceram uma oportunidade – incitados por Beth –, Victoria fora esperta e a aproveitara.

— Amiga é para essas coisas — respondeu Beth, enquanto do alto de seus saltos observava Charly estacionar seu conversível vermelho em cima da calçada e se aproximar. — Não é mesmo, querido?

— Bom dia, meninas — cumprimentou-as aquele homem lindo.

— Charly! — exclamou Victoria, livrando-se do abraço da amiga e sorrindo para seu noivo lindo e metrosexual.

— Que foi, meu bichinho de pelúcia? — perguntou ele depois de um beijo casto.

— Sua sogra está ali dentro — disse Beth antes que Victoria pudesse responder.

— Entendo — assentiu ele, franzindo o cenho e ajeitando o colarinho da camisa. — Vou entrando, antes que mamãe tenha um ataque.

E, depois de dirigir um breve sorriso a Victoria, entrou pela porta da catedral. Ele nunca gostara da mãe de sua futura esposa, e tinha certeza de que Mônica também não.

De fato, assim que entrou na catedral, Charly as encontrou perto do altar cochichando sobre a decoração da igreja. Aproximou-se com seu sorriso mais limpo.

— Olá, mamãe. — Deu um beijo no rosto da mãe e lançou um olhar frio, mas educado, a Margarita. — Algum problema, querida sogra?

— Nenhum, querido genro — respondeu ela com a mesma frieza, fitando seus gelados olhos azuis.

Não se suportavam. Os dois sabiam e procuravam deixar isso bem claro em seus poucos encontros. Margarita tinha certeza de que Charly tentava afastá-la de Victoria, mas ela não estava disposta a permitir isso. Era sua filha, e ela a adorava, apesar de seus constantes desaforos.

— Carlos — murmurou Mônica enquanto Beth se aproximava com seu vestido Armani, sexy e espetacular —, sua sogra está preocupada porque tem dúvidas de que a empresa que está organizando o casamento vá decorar bem a igreja.

— Querida sogra — respondeu Charly, aproximando-se —, preocupe-se apenas em chegar sóbria amanhã às cinco em ponto, que do resto cuido eu.

Depois de trocar com ele um olhar de ódio durante alguns segundos, Margarita se voltou para o padre Francisco. Precisava de um pouco de gentileza, nem que fosse só um olhar.

Na rua, Victoria tentava acalmar sua ansiedade fumando um cigarro. A presença da mãe na catedral a deixava insegura. O que estaria passando pela cabeça da sogra?

Apoiou-se na parede e pensou em como teria sido fácil se Charly não houvesse se deixado enrolar pela mãe, ou seja, sua finíssima sogra. Seu casamento deveria ter sido íntimo. Mas não! No fim, aquilo havia se transformado em uma ostentação de mil cento e quinze convidados!

Mônica, sua sogra, havia se encarregado de que o pedido de sua mão fosse publicado nas colunas sociais, em especial na revista *Hola!* – justamente isso havia feito com que sua mãe e algumas vizinhas da vida toda soubessem de seu

casamento.

— Ora, ora... Minha irmãzinha pecando como os simples mortais.

Ao ouvir essa voz, Victoria ficou ainda mais tensa. Sua irmã! A especialista em causar problemas havia acabado de aparecer. Só teve que levantar o olhar para encontrar o sorriso sarcástico de Bárbara, que se aproximava junto com o amigo delas, Víctor.

— Não acredito — Victoria quase gritou ao ver a indumentária da irmã. — Que ideia é essa de aparecer vestida assim?

— Eu avisei! — advertiu Víctor.

Dando um beijo em Victoria, situou-se entre ambas.

— Sim. E eu disse que minha irmã estaria de coque alto bem puxado e terninho escuro de grife — respondeu Bárbara, pegando os cinco euros que Víctor lhe entregou.

— Vocês adoram me irritar, não é? — replicou Victória, olhando para eles com cara de poucos amigos.

— Sim, adoramos ver como essa veia do seu pescoço incha — confessou Víctor, sorridente.

Faz tempo que não a vejo, e você continua chata igual, querida irmã, pensou Bárbara, aproximando para lhe dar um beijo. Mas Victoria se mexeu, a mão de Bárbara bateu no cigarro sem querer, fazendo-o cair na blusa de seda bege.

— Por Deus, Bárbara! — gritou Victoria ao ver a queimadura. — Você estragou uma blusa Carolina Herrera.

— Sua imbecil! — respondeu a irmã, indignada. — E eu queimei a mão. Mas, claro, sua caríssima blusa de grife é mais importante, não é, metida insensível?! — gritou Bárbara, sem se importar com as pessoas que passavam pela rua.

— Pronto! — suspirou Víctor, que sabia o que ia acontecer. — Vai começar a luta.

— Prefiro ser como sou a ser uma fracassada aspirante a escritora como você — replicou Victoria, notando as olheiras escuras da irmã.

— Você é uma bruxa!

— Futura senhora bruxa, para você! — retrucou Victoria com altivez. — E, a propósito, como se atreve a aparecer no ensaio do meu casamento de calça jeans e camiseta onde se lê “Colega, salve as baleias”?

— Porque eu sabia que nem você nem o imbecil do seu noivo iam gostar — afirmou Bárbara, ácida.

— Estúpida!

— Metida de merda!

— Meninas, meninas, por favor! — interveio Víctor, tentando impor a paz.
— Já chega! Não pode ser a vida inteira igual.

— Você tem razão — assentiu Bárbara. E, olhando com dureza para a irmã, disse: — Eu vou embora desta comédia absurda. Mas, antes, vou lhe dizer uma coisa, *miss* vencedora. Se estou aqui, é porque mamãe me pediu. Não porque eu quisesse saber de você ou de sua nova família.

Ao perceber a amargura na voz da irmã, Victoria entendeu que havia se excedido. Ela sabia, mas era incapaz de voltar atrás.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Margarita, que, ao ouvir as vozes, havia corrido para a porta da catedral seguida por Charly e Beth. — Ora, chegaram meus outros dois tesouros! — E, sentindo-se mais segura, olhou para o genro arrogante: — Vou avisar sua mãe. Tenho certeza de que ela vai adorar conhecê-los.

Com um sorriso desafiador, antes que alguém pudesse se mexer, Margarita desapareceu de novo dentro da catedral.

— Que dissimulada! — disse Charly com desdém depois de olhar de cima a baixo aqueles dois.

— Se eu soltar por esta boquinha o que acho da sua — replicou Bárbara —, pode ter certeza de que vai se arrepender.

— Acho que é melhor irmos embora — murmurou Víctor, aproximando-se da amiga, que, apesar da aparente tranquilidade, tremia.

Haviam se passado quase dois anos desde o último desafortunado encontro das duas, mas ainda lhe doía recordar como Victoria havia negado ajuda a sua mãe quando esta chegara ao limite de seu vício.

— Ah, Barbie, Barbie... Algum dia você vai aprender bons modos? — disse Beth, aproximando-se de Victoria, que observava a cena em silêncio. — Se continuar assim, vai conseguir ser mais vulgar que sua mãe. Você já tem cheiro de coisa barata.

— Sua filha da puta! — insultou-a Víctor com desprezo.

— Já chega! — gritou Victoria.

Mas ninguém lhe deu ouvidos.

— Se não se importa, sanguessuga recauchutada — retrucou Bárbara, que não suportava nenhum deles, e muito menos Beth —, meu nome é Bárbara. E se não quiser experimentar meus modos de periferia, nunca mais mencione minha mãe, ou juro que vai engolir esses seus dentes de coelho. — A seguir, voltou-se para a irmã e disse: — Tenho vergonha de você. Como pode permitir que falem

assim da mamãe?

Nesse instante, ouviram-se vozes de mulher, e Víctor, que não queria que Margarita soubesse o que estava acontecendo, foi o primeiro a reagir.

— Marga, você está lindíssima! — exclamou, correndo para dar-lhe um beijo. — Muito mais que linda. Esse vestido fica ótimo em você. Parece uma artista.

— Obrigada, meu querido — disse ela, ostentando seu novo vestido da C&A. Apesar de seus cinquenta e cinco anos e de não ter tido uma vida muito fácil, Margarita Zúñiga era uma mulher bonita e atraente.

— Olá, mami — cumprimentou Bárbara, mordendo a língua.

Odiava essa gente, mas, gostando ou não, aquele convencido ia ser seu cunhado.

Então, a passo lento e entre sussurros, o grupo heterogêneo de convidados entrou na catedral para o ensaio daquilo que seria, nas palavras de Mônica, o “casamento mais bonito do ano”.

2

Depois de ligar para o escritório e berrar com Susana, Victoria parou um táxi. A caminho do hotel, enquanto escutava a mãe falando com Víctor sobre sua nova cabeleireira, observava disfarçadamente a irmã. Ela havia cortado o cabelo e estava mais magra. Além disso, estava com olheiras.

Bárbara olhava pela janela, alheia a tudo. Odiava ter que prosseguir com aquela farsa, mas era incapaz de deixar a mãe sozinha em um momento como esse.

Quando o táxi parou em frente ao hotel AC Santo Mauro, Victoria foi a primeira a descer.

— Mamãe, por favor — disse, sem o menor tato —, prometa que não vai pedir ao garçom uma sacola para levar as sobras; e que vai ter cuidado com a bebida.

— É claro, filha — respondeu Margarita, segurando-se em Víctor.

Ele, ao ouvir isso, sorriu. Ainda se lembrava da última vez que haviam ido juntos a um casamento: Margarita teve lagostim congelado para um mês.

— Mamãe não bebe faz mais de um ano, estúpida! — bufou Bárbara, incomodada pelo comentário.

Mas imediatamente notou que a mãe lhe pedia calma com o olhar.

— Assim espero — suspirou Victoria sem olhar para elas. — De qualquer maneira, tentem não dizer nem fazer nada que possa me comprometer.

— E você, não esqueça que, embora sejamos da periferia, temos educação, irmãzinha — replicou Bárbara, afastando-se dela.

Impassível, Victoria entrou no hotel com passo firme, mas, de súbito, sentiu a pele se arrepiar. O que seus chefes e os colegas de *paddle* de Charly estavam fazendo ali?

Como pôde, abriu um sorriso maravilhoso, pouco antes que as mãos de Álex, um conhecido de seu noivo, a pegassem e a levassem dali.

— Aceitam um canapé? — ofereceu um garçom aos recém-chegados. — Senhora Villacieros e senhor Martínez?

Víctor olhou para o garçom. Essa cara...

— Ora, vizinho! — Foi Bárbara quem por fim o reconheceu. — Que está fazendo aqui?

E então, Víctor percebeu: aquele rapaz que estava servindo canapés em uma bandeja de prata era o vizinho gato do prédio de Bárbara.

— Alberto — balbuciou Víctor. — Não sabia que você trabalhava aqui.

— Estou há seis meses — respondeu o rapaz, enquanto indicava a Margarita onde ficava o banheiro. — E vocês, o que estão fazendo em um lugar como este com a nata de Madrid?

— Que idiota — respondeu Bárbara, deixando-o desconcertado.

— Garçon! — gritou Beth nesse momento, aproximando-se, mais esticada que couro de cuíca. — Faça o favor de me trazer agora mesmo um Dry Martini, sem azeitona.

— Agora mesmo, senhora — respondeu o rapaz.

E, deixando a bandeja em uma mesa próxima, afastou-se.

— Onde será que ela estacionou a vassoura? — murmurou Bárbara, apontando para Beth.

— Aposto que nem estaciona — retrucou Víctor, caindo na risada. — Deve dobrá-la e enfiá-la no cu. Só assim para ficar tão rígida.

Mas a risada se congelou em seu rosto quando, pouco depois, viram que Beth e Victoria estavam dando bronca em Alberto.

— Sou alérgica ao ácido linoleico das azeitonas! — vociferou Beth com altivez. — E se, por distração de um garçom incompetente como você, eu houvesse dado um gole dessa taça, agora mesmo estaria no pronto-socorro.

— Você devia prestar mais atenção em seu trabalho — concordou Victoria. — Não esqueça que trabalha no hotel Santo Mauro, e não em uma lanchonete de beira de estrada. Se não estiver capacitado para saber o que é uma azeitona, peça demissão. Entendido?

— Sim, senhora. Sinto muito, senhora — desculpou-se Alberto pela enésima vez.

E a um sinal do *maître*, desapareceu. Nesse momento, Víctor, preocupado, aproveitou para ir atrás dele.

Uma vez que entraram na cozinha, Alberto abriu a porta de uma salinha e, depois de fechá-la, frustrado, deu dois socos em uma mesa. Víctor, sabendo como ele se sentia, tocou-lhe o ombro e sugeriu que se sentasse. O rapaz começou a xingar aqueles grã-finos.

— Malditas víboras! — reclamou, tirando o colete de garçom e acendendo um cigarro. — Como diz minha avó: “Deus as cria e elas se juntam”.

— Sua avó tem razão — assentiu Víctor, sem conseguir parar de olhar para o tanquinho que se marcava por baixo da camiseta de Alberto.

— E sabe o melhor de tudo? — prosseguiu o garçom, irritado. — Que a idiota da morena não tem nem a mais remota ideia de que a outra víbora e o imbecil do seu noivo têm uma suíte privada no hotel, e que se encontram nela com bastante frequência.

Ao ouvir isso, Víctor ficou de cabelos em pé.

Ih, vai dar confusão!, pensou, esquecendo o abdome definido de Alberto.

Ainda alucinada por causa do comportamento estúpido da irmã, Bárbara pegou uma taça de vinho e ficou observando o absurdo mundo de vencedores que Victoria frequentava: roupas de grife, relógios caros, carros de luxo... Ostentação e mais ostentação.

— Estou em choque, Víctor! — disse quando o amigo se juntou a ela. — Esses bregas estão vestidos como a banda Los Happiness.

— Tenho um babado forte.

Apesar da excitação, Víctor falou em voz baixa, olhando para os dois lados.

— Quando eu contar, você não vai acreditar.

— Se vai me dizer que os peitos daquela loura são falsos, eu já sei — respondeu ela, sem notar o nervosismo do amigo. — Pelo amor de Deus, parecem duas laranjas!

— Bárbara, escute. Alberto me contou que...

— Que lugar mais interessante! — interrompeu-os Margarita, aproximando-se.

— É, mamãe — retrucou Bárbara. — É como estar no museu dos horrores.

E antes que um dos dois pudesse dizer qualquer coisa, Margarita pegou um cinzeiro de porcelana com o logotipo do hotel e o guardou na bolsa.

— Mamãe! — exclamou a filha.

— Filha, são lindíssimos... Além do mais, eles têm um monte.

— Esse abajur, Marga, ficaria lindo no hall — debochou Víctor.

— Maldição! Eu vim com a bolsa pequena — disse ela, marota.

— Quer saber de uma coisa, mamãe? Tem razão. Eles têm muitos, pegue dois para mim também.

— Com licença — pigarreou alguém atrás deles, deixando-os petrificados. — Minha encantadora futura nora acabou de me revelar que vocês são a família dela.

Caralho, caralho, fomos pegos, pensou Bárbara antes de responder.

— Exato — assentiu, cobrindo a mãe.

— Mamãe — disse Victoria, de braços dados com o homem que havia falado com eles. — Quero lhe apresentar meu futuro sogro, pai de Charly. Senhor Juan Montefinos de Jerez, dono deste hotel e de muitos outros.

O cavalheiro impecavelmente vestido diante deles era um homem grisalho de estatura mediana e um sorriso bonachão que deixou Margarita impressionada.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Montefinos — cumprimentou ela com gentileza.

— Por favor, pode me chamar de Juan! — pediu ele, dando-lhe uma piscadinha.

— Está bem — assentiu Margarita, pestanejando de tal maneira que Victoria quase engasgou. — Juan, quero aproveitar a oportunidade e lhe dizer que este hotel é lindo.

— Obrigado, Marga. Posso chamá-la assim? — perguntou ele baixando a voz, enquanto a mãe de Victoria assentia, sob o olhar atento das filhas. — De todos os que possuo, este é meu hotel preferido. Sempre me pareceu que, como algumas mulheres, tem um encanto especial.

Marga está flertando com ele?, surpreendeu-se Víctor.

— Alguns amigos que vieram para Madrid — comentou Víctor, para parecer interessado — ficaram encantados com o hotel.

— Fico feliz de ouvir isso, rapaz — respondeu Juan, ainda com os olhos fixos em Margarita, que se esforçava para fechar uma bolsa que parecia prestes a explodir. — Tentamos oferecer o melhor serviço a nossa clientela. Nos últimos meses, incluímos conexão wi-fi nos quartos, frigobar gratuito, serviço de mordomo, além de um *maître* e um *sommelier* excepcionais.

— Contratar Philippe L’Isidre-Brac como *sommelier* foi maravilhoso — acrescentou Victoria segundos antes de Cuca, amiga de sua sogra, a pegar pela cintura e a levar.

Por que todos me levam?, pensou ela, frustrada.

— Juan — disse Margarita —, correndo o risco de parecer inculta, o que é um “mosseliê”?

— Mamãe! — exclamou Bárbara, virando a cabeça para se certificar de que Victoria não a havia escutado.

Mas seus olhos se cravaram em seu futuro cunhado e no homem que estava com ele. Por que se olhavam daquele jeito?

— Era justamente isso que eu queria lhe contar — murmurou Víctor, dando-lhe um discreto empurrão. — Parece que o machão do Charly tem mais penas

que um edredom nórdico.

— Querida Marga — prosseguiu Juan, alheio ao que Víctor e Bárbara estavam falando. — *Sommelier* é o profissional responsável por comprar o vinho para nosso restaurante e sugerir a nossa clientela qual beber com cada prato.

Bárbara não podia acreditar. Charly era gay? Impossível! Sua irmã havia se tornado metida e tola, mas cega e idiota também?

Instantes depois, o *maître* indicou-lhes que já podiam ir para o salão.

Séria, de onde estava, Victoria observava enquanto sua irmã e Víctor se sentavam a uma das mesas laterais. E seu coração quase parou quando viu o sogro, depois de trocar umas palavras com o *maître*, dirigir-se a eles acompanhado de sua mãe, que se sentou ao lado dele, toda sorridente.

O almoço começou tranquilamente. Charly se sentou entre sua adorada mãe e Juan, e Victoria, entre este e Margarita, que não paravam de conversar, rir e fazer gracinhas. Mas, quando achava que tudo estava sob controle, ficou em choque ao ver que, estimulado por Mônica, o pai do noivo chamava o *sommelier* e lhe pedia diversos vinhos para que Margarita os degustasse. Horrorizada, Victoria observou a sogra, que desviou o olhar com uma frieza digna de Cruela Cruel. Por que estava fazendo isso? Por acaso não sabia do problema de sua mãe com bebida?

Margarita, que podia ser humilde, mas não tonta, sorriu diante da má intenção de sua futura consogra.

Que bruxa!, pensou. E dando umas palmadinhas na mão da filha para tranquilizá-la, surpreendeu-a quando confessou abertamente a Juan que não podia beber vinho porque era alcoólatra em reabilitação. Assentindo, ele a incentivou a prosseguir com sua reabilitação, chamou de novo o *sommelier* e, diante da raiva de Mônica, disse-lhe, sem mais explicações, que não levasse os vinhos.

Em sua mesa, Bárbara e Víctor observavam com orgulho Margarita recusar aquilo que anos atrás teria sido sua perdição. E então, focando de novo os olhos em Charly, viram, incrédulos, como ele sorria em direção a Beth e seu acompanhante, o homem a quem minutos antes lançava estranhos olhares.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Víctor em voz baixa. — Estão fazendo um *ménage* na frente de todos. Olham-se com mais desejo que vergonha.

— Não posso acreditar! O engomadinho gosta de carne e peixe.

— Sim, mas tenho que reconhecer que esse peixe é muito mais que fresco — disse Víctor, observando o louro de um metro e oitenta, forte e musculoso.

— Você acha que a tonta da minha irmã sabe? — perguntou Bárbara, vendo

Victoria conversar com o sogro sem se dar conta daquele flerte sujo.

— Acho que ela não faz ideia — respondeu Víctor, espetando com o garfo um bocado de salada de lagosta com guacamole. — Lembra o que aconteceu quando ela soube que Luis pegava a filha da padeira?

— Pobre rapaz! — exclamou ela esboçando um sorriso. — Acho que ela o deixou eunuco pelo resto da vida.

— Vicky está tão absorta em seu trabalho e em provar a si mesma que é um deles que não vê mais nada.

E dando uma cotovelada na amiga para captar sua atenção, Víctor apontou:

— Ali vão a recauchutada e o peixe fresco.

Nesse momento, um garçom lhes perguntou se haviam acabado e, quando assentiram, pôs diante deles um segundo prato muito requintado.

— O que é isto? — perguntou Víctor.

— Está escrito atum vermelho com toucinho ibérico ao perfume de alecrim.

— Santo Deus, que cara boa! — disse Víctor, com água na boca.

— Melhor do que o que eu estou olhando, pode ter certeza!

Incrédulos, viram que Charly, levantando-se da mesa, desaparecia pela mesma porta pela qual haviam saído a recauchutada e o peixe fresco.

Então, Bárbara deixou seu guardanapo disfarçadamente e se levantou, seguida de Víctor. E, como dois fantasmas, eles também saíram pela porta, e se encontraram nos banheiros.

Uma vez confirmado o que ambos intuía, saíram por onde haviam entrado.

— Puta que os pariu! — exclamou Bárbara, incrédula, depois de jogar em um carrinho de limpeza dois pares de calças que havia furtado no banheiro. — Mas como podem ter a pouca-vergonha de ficar ali dentro transando como coelhos? Os três!

— Pelo amor de Deus — suspirou Víctor, acalorado. — Que vergonha!

— Por que eu tinha que descobrir, e não minha irmã? — bufou ela ao ver, de longe, Victoria sorrir enquanto comia. — Como vou permitir que se case amanhã sabendo que ele é um mentiroso? Não posso. Não posso me calar.

— Barbiloca — disse Víctor com afeto —, Victoria vai nos odiar pelo resto da vida.

— Prefiro que ela me odeie a que continue sendo enganada — replicou ela, decidida.

E então, abrindo sorrisos falsos, eles foram até Margarita, que assim que os viu intuiu problemas.

— Marga, querida — sussurrou Víctor, apressado —, precisamos de você.

Sem perguntar nada, a mulher se levantou. A seguir, Bárbara se agachou ao lado da irmã.

— Vicky — disse —, pode me acompanhar um instante? Tenho que lhe mostrar algo importante.

— Agora? — sibilou Victoria, cravando na irmã um olhar assassino.

— Sim, agora — assentiu Bárbara.

E olhando para Mônica, mãe de Charly, acrescentou:

— Venha também, vai adorar a surpresa.

Sorrindo com falsidade, Victoria se levantou.

— Pelo bem de vocês, espero que o que vão nos mostrar seja importante — sentenciou, seguindo-os junto com a mãe, a sogra e as insuportáveis amigas desta. — Porque, senão, juro que vão me pagar.

— Vai ser impagável — murmurou Bárbara.

E, entrando no banheiro, deu um pontapé em uma das portas de vidro, que se estilhaçou. Voltando-se e evitando olhar nos olhos arregalados das outras, inquiriu:

— Acha que isto é importante?

Ciente do escândalo e da situação comprometedoras em que seu filho se encontrava – ajoelhado no meio daqueles dois –, Mônica quase desmaiou. Margarita e Víctor a seguraram, já que suas amigas estavam alucinadas demais presenciando a cena.

Não havia a menor dúvida de que aqueles três haviam sido pegos em flagrante.

— Belo *yoko geri* — disse Víctor, felicitando a amiga, e com um gesto indicando-lhe que olhasse a seus pés.

— Para alguma coisa tem que servir dar aula de caratê — disse Bárbara sorrindo, ao olhar para o chão e reconhecer o fino vestido de Beth.

Aproveitando a confusão do momento, agachou-se e disfarçadamente fez uma bola com a seda.

— Não se mexa! — gritou Beth, escondendo-se atrás do “peixe fresco”, que, vermelho como um tomate, olhava para a cara de todos tentando cobrir as partes com as mãos.

— Maldição... Mas quem... — exclamou Charly.

Mas não terminou a frase ao ver a quantidade de olhos que os observavam.

— Carlos! — choramingou Mônica ao ver o filho naquele estado. — Mas, filho... o que você está fazendo?

— Se quiser, eu explico — debochou Bárbara.

— Bendito seja Deus! — persignou-se Marga ao ver aquilo.

Incrédulo, sem mal se mexer, Charly cravou um olhar gelado em Victoria, que estava pálida como cera.

— Meu bichinho de pelúcia... — disse, paralisado diante de tanta gente. — Desculpe. Dê-me a oportunidade de explicar.

— Mas que pouca-vergonha — disse Víctor.

Disfarçadamente, pegou o vestido de seda que Bárbara lhe passou escondido. E, a seguir, saiu do banheiro.

— Pelo amor de Deus! — gritou Beth, envergonhada. — Querem parar de nos olhar com essas caras? Onde está meu vestido?

— Ah, Beth, Beth... — disse Bárbara. — Quando vai aprender a se comportar? Se continuar assim, todos vão descobrir o que você é.

— Não vou permitir que...

— Você, sua vadia, cale-se! — vociferou Victoria, cravando seus olhos escuros em Beth.

— Victoria! — gritou a sogra. — Olhe o vocabulário!

— Ei, fofinha — intercedeu Marga, dirigindo-se àquela mulher repugnante —, calada!

— Eu a considerava minha amiga. Como pôde fazer isso comigo? — disse Victoria.

E voltando-se para Charly, seus olhos brilharam com mais fúria e dor.

— E você... você... você é...

Não conseguiu dizer mais nada. Tremia toda. A situação era tão de folhetim barato que por um momento Victoria pensou que estava sonhando. Mas não, não estava. Aquilo estava acontecendo de verdade. Aqueles ali eram Charly, Beth e Álex. Estavam nus diante dela e não sabiam o que dizer.

— Isto não pode sair daqui! — berrou Mônica, tentando fechar a porta de entrada do banheiro.

Mas foi impossível. Margarita não a deixava.

— Ninguém pode saber! Feche a porta!

— Sabe de uma coisa, dona Afetada? — replicou Margarita. — Neste momento, você não deveria se preocupar com isso. Deveria se preocupar com os sentimentos de seu filho e minha filha. As pessoas que digam o que quiserem.

— E o que você sabe?! Você é ralé da periferia — provocou a outra com desprezo, bem no instante em que Víctor entrava de novo.

Ele havia jogado o vestido de Beth no mesmo carrinho de limpeza em que

minutos antes Bárbara jogara as calças dos outros dois.

— Mônica! — vociferou Juan, que até esse momento se mantivera discretamente em segundo plano. — Acho que não é necessário ser tão desagradável.

— Ouça, senhora — interveio Víctor, disposto a soltar a língua. — Nada de ofender. Senão, vamos ofender também.

— Cale-se, Juan! É meu filho — replicou Mônica, exasperada.

E então, voltando-se para Margarita, acrescentou:

— Desde quando uma bêbada, um cabeleireiro de periferia e uma sanguessuga sem rumo vão me dizer o que devo dizer ou pensar?

— Vá à merda, dona! — explodiu Bárbara.

E sentindo a raiva dominá-la, gritou:

— Se alguém tornar a insultar minha mãe, juro que sou capaz de qualquer coisa!

— Fique calma, querida — murmurou Margarita. — Não ofende quem quer, e sim quem pode.

— Mas eu posso — rosnou Mônica, atraindo o olhar de Victoria. — Sua filha saiu de casa farta de suas bebedeiras.

— Vou arrancar o coque dessa gorda! — gritou Víctor.

— Cale-se, veado! — vociferou Charly.

— Quem é mais veado aqui? — disse Margarita, olhando-o com ódio. — Aquele que se mostra como é ou o que nega, chama os outros de “veado” e na intimidade fica de quatro diante de um louraço?

— A propósito, Charly — disse Víctor, olhando-o —, caso não tenha entendido, é você.

— Quem pensam que são para falar assim conosco? — gritou Mônica.

— São minha família, acha pouco? — interveio Victoria por fim, com a veia do pescoço prestes a explodir.

Ela ainda tinha muito que dizer a sua sogra. De dentro dela aflorava algo que havia esquecido fazia muito tempo.

— Goste ou não, eles são minha família. E a partir deste instante eu agradeceria se escolhesse muito bem suas palavras e seus modos quando se dirigir a qualquer um deles. Porque lhe informo, caso não saiba, que posso ser tão daninha quanto você. — E apontando para Beth, que a olhava horrorizada, concluiu: — Não esqueça que eu tive uma professora maravilhosa.

— Viva a mãe que a pariu! — gritou Víctor, emocionado.

— Viva minha irmã e sua veia no pescoço! — aplaudiu Bárbara.

— Que bico de ouro tem minha menininha — disse Margarita, orgulhosa. E ganhou um tímido sorriso de sua filha mais velha.

— E quanto a você, Charly — prosseguiu Victoria com firmeza —, a partir deste momento, não temos mais nada para conversar. O casamento está cancelado.

— Como?! Não pode ser! Impossível! — gritou Mônica, histérica.

Charly se levantou do chão com um pulo, deixando seus atributos expostos, para satisfação das amigas de sua mãe.

— Meu bichinho de pelúcia, espere! — chamou, enquanto procurava sua roupa.

Onde estava?

— Não faça isso comigo. Não me deixe assim. Precisamos conversar. Eu preciso falar. Bichinho de pelúcia, por favor...

— Charly. Não sou mais seu bichinho de pelúcia, e repito: não tenho mais nada para falar com você — sentenciou Victoria.

E, aceitando a mão de Víctor, saiu do banheiro.

— Meu Deus, que vergonha! — gemeu Mônica, horrorizada. — O casamento... O que vou dizer aos convidados? O que podemos fazer?

— Eu recomendaria que começasse a ligar para seus mil e cem convidados, amiga — respondeu Margarita com o celular na mão. — E fique tranquila, dos meus quinze cuido eu.

— Tudo isso é culpa sua e desse maricas! — berrou Charly, dirigindo-se a Bárbara. — Vocês são os culpados de tudo, ralé de merda!

— Você acredita mesmo nisso? — disse Bárbara.

A seguir, aproximou-se dele, pegou-lhe os testículos, diante da surpresa de todos, e, torcendo-os com evidente prazer, sussurrou no ouvido de Charly, que empalidecia de dor:

— Se tornar a se aproximar de minha irmã, nem que seja para perguntar a hora, juro que vou arrancá-los e fazer um par de brincos com eles.

— Alguém chame a polícia! — gritou Beth, assustada.

Mas ninguém se mexeu.

— Ei, seu veado, viu como ficou bonito na foto? — debochou Margarita, mostrando-lhe seu celular e sorrindo. — Serei clara e concisa: se lhe ocorrer tramar alguma coisa contra algum dos meus filhos, amanhã você vai ser notícia.

E, dizendo isso, pegou a mão de Bárbara e saíram do banheiro.

— Juan, pelo amor de Deus, faça alguma coisa! — gritou Mônica. — Não fique aí olhando como um paspalho!

— Não, querida — replicou ele antes de sair atrás de Margarita e Bárbara. —
É seu filho, não esqueça.

3

Com o desconcerto ainda estampado no rosto, Victoria saiu do hotel de mãos dadas com o amigo Víctor. Segundos depois, Bárbara e sua mãe os seguiam.

— Esperem um segundo, por favor — chamou Juan, indo atrás deles. — Eu vou levá-los para casa.

— Não, Juan. Eu agradeço, mas é melhor não — respondeu Victoria, notando que Bárbara e Víctor já se adiantavam para chamar um táxi.

— Lamento demais tudo que aconteceu — murmurou ele, pegando as mãos de Victoria com carinho. — Não sei o que lhe dizer. Estou tão confuso que...

— Pode deixar, Juan — retrucou Margarita. E, endurecendo a voz, acrescentou: — O melhor que podemos fazer neste momento é ir embora daqui.

— Eu entendo. É claro que entendo — assentiu ele.

Parecia tão confuso, tão perdido, que Margarita sentiu vontade de niná-lo.

— Não sei como me desculpar pelo que aconteceu. É tão vergonhoso que...

— Você não tem que se desculpar por nada. Você é uma das melhores pessoas que conheci em minha vida — murmurou Victoria.

E dando-lhe um abraço, disse, caminhando até sua irmã:

— Obrigada por tudo, Juan, mas agora preciso ir embora.

— Marga — chamou ele.

A mulher se voltou para ele.

— Não esqueça que estou aqui para o que for preciso. Por favor, lembre-se disso.

— Obrigada, Juan, vou me lembrar.

E depois de sorrir para ele, entrou no táxi, onde já a esperavam suas filhas.

Se eu ganhasse um diamante a cada desgosto que a vida me dá, seria multimilionária, pensou Victoria olhando pela janela.

Humilhação. Desconcerto. Incredulidade. Todas essas palavras complicadas passavam pela mente de Victoria enquanto se dirigia a sua casa acompanhada por sua família.

— Vicky, minha querida — murmurou sua mãe, sem deixar de olhar para

ela. — Você mora aqui?

— Sim, mamãe — assentiu Victoria, atordoada. Tudo era confuso ao seu redor. — Eu moro aqui.

O táxi havia parado diante de um dos arranha-céus de Madrid, conhecido como Torre de Valência. Ficava no cruzamento da Menéndez Pelayo com a O'Donnell, ruas movimentadas, cheias de vida e de negócios.

Diante do arranha-céu erguia-se o parque do Retiro, um dos orgulhos de Madrid. Um parque cigano, considerado o grande pulmão verde do centro da cidade, onde natureza, esporte e lazer se mesclavam em perfeita harmonia.

— Mãe do céu! — exclamou Víctor, incrédulo. — Você mora na Torre de Valência! Que glamour, menina!

— Desde quando? — perguntou Bárbara, pegando o troco que o taxista lhe entregava.

— Há cerca de um ano e meio — respondeu Victoria, sem olhar para eles enquanto caminhava para a porta que o porteiro mantinha aberta. Ao ver que não a seguiam, voltou-se para eles.

— Não vão subir?

Ao ouvir isso, os três saíram andando atrás dela.

Sem nem olhar para ele, Victoria passou pelo porteiro, que cumprimentou os recém-chegados com um sorriso amável. Ela introduziu uma chave no elevador acarpetado e subiram até o décimo andar em silêncio. Quando as portas do elevador se abriram e Victoria saiu, os outros três observaram com curiosidade o hall salmão. Não tinha nada a ver com os dos seus apartamentos, que aos sábados cheiravam a ensopado e aos domingos, a linguiça frita.

Alheia ao modo como seus acompanhantes se olhavam, Victoria pegou uma chave e abriu a única porta do elegante hall. Depois de acender as lâmpadas halógenas do vestíbulo, ela digitou um código de segurança em um pequeno painel à direita.

— Caralho, Vicky, que demais! — assobiou Víctor, consumidor nato de revistas de decoração. — Pelo visto, você gosta do estilo minimalista.

Imperava a ordem no espaçoso apartamento. As portas eram de vidro temperado. As paredes, revestidas de tons degradê, onde cores como bege e verde, somadas ao branco, davam uma sensação de harmonia e serenidade.

A sala era funcional. Pouco mobiliário, tons de verde nos biombos japoneses e poltronas de fino couro marrom.

— Sim, Víctor. Gosto do estilo minimalista. Ordem é muito importante para mim — assentiu Victoria, olhando para ele. — Com licença um instante. Vou

trocar de roupa e mostrar o apartamento a vocês.

— Boa ideia — disse Bárbara.

E, assim que a irmã desapareceu por uma das portas, murmurou:

— Ei, vocês dois, dou três segundos para que desapareçam daqui!

— Mas Vicky disse para ficarmos — reclamou Margarita, que estava curiosa para ver mais.

— Você acha que é o melhor momento para conhecer a casa? Mamãe, pelo amor de Deus! Ela acabou de cancelar o casamento!

— Tem razão, querida. Mas vamos ficar e lhe fazer companhia.

— Marga — murmurou Víctor —, acho que devíamos deixá-las sozinhas. Bárbara tem razão. Outra hora visitaremos a casa.

— Tudo bem, eu me rendo — assentiu a mulher, e imediatamente se dirigiu à porta.

— Se há alguém que pode gritar com Victoria — disse o jovem —, é Bárbara.

— Não briguem, meu amor. Dê-lhe isto — disse Margarita, tirando um cinzeiro da bolsa.

Mas ao ver a cara da filha e de Víctor, retificou:

— Têm razão, é melhor eu ficar com isto.

Depois de fechar a porta de entrada com cuidado, Bárbara voltou à sala. Nesse instante, seu celular começou a vibrar. Ela leu a mensagem e decidiu desligar o telefone. Não estava a fim de responder.

Tanta ordem e tanta limpeza davam uma sensação de pouca vida, de pouco uso. Enquanto observava, Bárbara se surpreendeu por não ver nem uma única foto ou algum detalhe pessoal de Victoria. Aquela sala moderna era fria e impessoal, embora reentrassem o design, as grifes e a tecnologia de ponta. Televisor Loewe de quarenta polegadas com reproduutor de DVD e som surround. Telefone Bang & Olufsen. Aparelho de som Sony.

— Onde estão mamãe e Víctor? — perguntou Victoria, saindo de um dos quartos.

— Foram para casa — respondeu Bárbara.

Sua irmã havia tirado a maquiagem e desmanchado o coque. Assim, ficava muito mais bonita.

— Quer beber alguma coisa?

— Uma cerveja cairia bem.

— Cruzcampo, light ou sem álcool? — ofereceu Victoria, indo para a cozinha.

— Não brinque, Vicky! Não posso acreditar que você não tem uma cervejinha normal — disse Bárbara.

E indo atrás da irmã exclamou, enquanto Victoria abria a geladeira de inox:

— Mãe do céu, que cozinha! Surpreenda-me: o que mais você tem para me oferecer?

— Coca-Cola Zero. Coca-Cola Light. Pepsi Diet. Nestea sem açúcar e tônica light.

— Mas que merda de bebidas são essas? — replicou Bárbara.

Não, as pessoas normais não bebiam tudo aquilo. Decidiu fazê-la recordar o sabor de uma Mahou.

— Venha comigo. Vamos achar um lugar onde possamos comprar bebida e comida decentes.

Sem vontade de discutir, Victoria pegou sua bolsa Tous e as chaves do apartamento. Desceram e entraram em um Vips, onde Victoria preferiu se calar ao ver o que a irmã estava comprando. Só tranqueira! Depois de pagar, saíram do estabelecimento com dois packs de cerveja Mahou cinco-estrelas, um saco de batatas fritas, duas pizzas de quatro queijos congeladas e um pote gigante de sorvete de chocolate.

De novo no apartamento, Victoria acendeu um cigarro enquanto a irmã, ainda impressionada com a cozinha, colocava as pizzas no forno.

— É melhor fazer só uma — disse Victoria. — Eu não como porcaria. Tem muita gordura e nenhum nutriente.

— Mas é uma delícia, apesar das calorias — contra-atacou Bárbara, colocando uma Mahou geladinha diante do rosto da irmã.

Victoria olhou, mas não a pegou.

— Essa merda tem efeitos negativos sobre a saúde, sabia?

— Se o efeito negativo é que vou ficar como você se não beber, estou horrorizada!

— Pode rir, mas comer porcaria significa aumento de peso, colesterol alto, digestão difícil, vício e mudança do paladar.

— Você adorava Whopper com queijo, batata frita, anéis de cebola e os sanduíches de lula da Plaza Mayor. O que aconteceu com você?

— Bárbara, já faz tempo que eu decidi viver mais e melhor comendo comida saudável — respondeu, afastando a cerveja que a irmã pusera a sua frente.

— Vicky, você vai curtir mais a vida se a viver e a saborear.

Bárbara não estava disposta a se deixar convencer, de modo que aproximou de novo a cerveja.

Você está me provocando, irmãzinha, pensou Victoria, mas replicou:

— Não vou gritar nem discutir, e também não vou tomar essa cerveja.

— Eu também não vou discutir — anunciou Bárbara, e deu um gole. — Mas garanto que você vai beber essa cerveja. E do gargalo.

O momento temido por Victoria havia chegado. Ela odiava o fato de sua irmã mais nova saber aplainar o caminho e depois entrar matando. Mas não, desta vez não pretendia fazer o jogo dela. Victoria tinha um autocontrole excelente e não ia permitir que desmoronasse com uma simples cerveja.

No entanto, Bárbara conseguiu.

— Muito bem, o que está esperando?! — exclamou Victoria. — Estou louca para escutar alguma das suas frases antológicas e proletárias.

Ao ver que a irmã se apoiava no balcão com parcimônia, acrescentou:

— Está se divertindo, não é, Barbie? Adorou me ver humilhada na frente de todo mundo! Oh, Meu Deus, como você vai dormir bem esta noite! Sua irmã metida, por fim, sofreu um belo golpe, não é?!

— Eu avisei, meu bichinho de pelúcia — retrucou Bárbara, com raiva ao ouvir Victoria a chamar de Barbie.

— O quê?! — gritou a irmã com voz trêmula.

— Eu avisei. Eu disse que aquele convencido não era bom para você. Que aquela vadia recauchutada que acha que tem vinte e cinco anos era uma víbora e uma bruxa das piores. Que mamãe se deixaria humilhar por você, e...

Mas Bárbara não pôde continuar. A dor nos olhos da irmã fez com que se aproximasse e a abraçasse.

Victoria, arrasada, agarrou-se a ela, e com aprumo escutou como Víctor e Bárbara haviam descoberto as aventuras de Charly. Alberto, garçom do hotel e vizinho de Bárbara, havia lhes contado. O resto havia surgido sozinho.

— Obrigada por ficar aqui comigo — disse Victoria.

— Sempre estivemos ao seu lado — retrucou Bárbara, pensando em Víctor e sua mãe. — Mas fale com mamãe. Ela precisa disso. É cabeça-dura como você, e não demonstra seu sofrimento.

— Eu também preciso falar com ela.

No passado, haviam sido boas amigas, apesar de serem mãe e filha.

— Bárbara, desculpe-me por ter sido meio chata com você às vezes.

— Meio? — repetiu Bárbara. — Eu diria que seu nível de chatice é constante. Mas, lamento, garota, comigo você não vai praticar. Eu a ignoro quando fica assim!

— Você é incrível — disse Victoria.

— Você me ensinou a ser assim, Vicky — respondeu Bárbara.

No fundo, desejava encontrar aquela irmã que um dia Victoria havia sido.

— Você me ensinou a passar maquiagem, a namorar, a dançar *sevillanas*, a andar de bicicleta. Até a pôr meu primeiro absorvente. Você sempre foi divertida e espontânea. Mas quando mamãe...

— Desculpe — sussurrou Victoria, envergonhada. — Isso nunca mais vai acontecer.

— Claro... eu não vou permitir — sentenciou Bárbara. — A partir de agora, vou controlar todos os seus relacionamentos.

— Não quero mais saber de homens. E se algum deles inventar de me chamar por algum apelido, juro que vou lhe jogar na cabeça o que tiver na mão.

Bárbara riu diante deste último comentário. A seguir, olhou para seu relógio e sugeriu:

— Que tal irmos para minha casa? Preciso sair com Óscar.

— Quem é Óscar?

— Seu sobrinho e meu cachorro. É uma belezura.

— Esqueça. Eu nunca me dei bem com cachorros e crianças.

— Óscar é diferente, pode acreditar. Quando o conhecer, você vai entender.

Uma hora depois, ao volante de seu Audi TT cupê prata, Victoria chegou com a irmã ao bairro Aluche. Passaram na frente da casa de sua mãe, mas decidiram não parar: voltar ao bairro era como voltar à cidadezinha natal. Só faltava o cartaz dizendo “Bem-vindo, senhor Marshall”. Se as vizinhas a pegassem, estaria perdida de tanto beijo; ainda mais tendo curso superior.

— Ora — disse Victoria ao estacionar em frente ao parque de Aluche. — Parece que certas coisas nunca mudam.

— As festas do bairro são sagradas — respondeu Bárbara, pegando-a pelo braço. — Venha. Moro no último andar, e não tem elevador!

E, dando-lhe um tapa na bunda, murmurou:

— Vai lhe fazer bem um pouco de exercício para essa bunda.

— Sua idiota!

— Se não for indiscrição, que manequim você usa?

— Não é da sua conta! — exclamou Victoria.

Mas, antes que pudesse reagir, sua irmã puxou o cós de sua calça, soltando-o logo em seguida.

— Muito bem, 44 — disse Bárbara, e começou a subir os degraus de dois em dois. — Não é para me gabar, mas eu, assídua consumidora de tranqueira, uso

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Eu avisei(Oficial)"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).